ABÍLIO C. BORGES: DECOLONIALIZANDO UM EDUCADOR DO IMPÉRIO

Rebeca Araújo Carvalho Nascimento[1]
Selomite Dias Dos Santos[2]

RESUMO: Para atender, no âmbito do ST 5, à proposta do "XV Colóquio de História da UNICAP / V Colóquio do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Católica de Pernambuco, Recife", intitulado "História, Ensino e Pesquisa em Tempos de Pandemia" elenca-se como eixo ordenador da exposição deste trabalho a análise, sob a perspectiva decolonial, do artigo de Dermeval Saviani, intitulado: "Um barão brasileiro no congresso internacional de Buenos Aires: as ideias pedagógicas de Abílio César Borges, Barão de Macahubas", publicado no ano 2000. No contexto das discussões na área das Ciências da Religião e da História da Educação, deparou-se com este texto que toca tanto as áreas de Educação quanto Religião, eivadas do paradigma moderno de ensino, mormente no Brasil Império, bem como da visão eurocêntrica. Isso se dá inicialmente pelas redes de escolas privadas que foram implantadas na segunda metade do século XIX, pelo destacado educador. A intenção é fazer, a partir do estudo da perspectiva decolonial, uma releitura desse trabalho, e identificar a colonialidade presente na visão de educação de Abílio Borges.

PALAVRAS-CHAVE: Igrejas. Estado. Poder. Educação confessional.

1 INTRODUÇÃO

À proporção em que se aproxima do estudo de teóricos e teóricas que, com suas propostas conceituais, abrem novos horizontes interpretativos, é impreterível olhar para as produções intelectuais, com a coragem de analisar seus pressupostos através de outros modelos de releitura, que não raro são postos de lado na maioria das vezes, em termos de pesquisa científica. Buscando estabelecer uma produção conjunta, a partir do estudo do "paradigma decolonial", resolveu-se repassar um texto muito significativo, sobre o estabelecimento de colégios na rede privada de ensino, no Brasil Império, fruto do empreendedorismo de Abílio César Borges (1824-1891).

[1] Bacharel em Teologia pelo STBNB (2019). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (2013). Mestranda em Ciências da Religião pela UNICAP (2021) OrcId iD: 0000-0002-6908-093X.
[2] Licenciada em Letras pela FAFIRE (2011). Mestranda em Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP (2021) OrcId iD: 0000-0003-2661-3318.

Por "perspectiva decolonial" entendemos aquela proposta por Walter Mignolo, de uma "desobediência epistêmica, que rompe com os ditames do pensamento ocidental, seja pelos conceitos modernos e eurocêntricos, arraigados nas categorias, nas experiências e nas subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares. Portanto, também, seja na reconstrução da história das instituições educacionais, seja nas pedagogias aplicadas, Mignolo argumenta a favor da opção "descolonial" (o autor usa, em 2008, o termo que hoje se prefere escrever como "decolonial"), como desobediência epistêmica, e o faz perpassando pela identidade, em política. Esta, por sua vez, é a única maneira de se pensar de modo descolonial. Todas as outras formas de pensar e de agir politicamente que não descoloniais, significam permanecer na razão imperial; ou seja, dentro da política imperial/colonial de identidades (MIGNOLO, 2008, p. 290).

Nesse sentido, Mignolo elucida que o desvinculamento epistêmico, não significa o abandono do que já foi institucionalizado pelo Ocidente, mas a sua substituição por uma geopolítica do conhecimento dos povos que foram racializados, portanto obrigados a pensar com a lógica do conquistador. Por conseguinte, a opção descolonial expressa o *aprender a desaprender*, uma vez que nossos cérebros foram programados pela razão imperial/colonial. O pensar descolonial exprime e implica, também, na visão do autor, o fazer descolonial, já que a distinção entre teoria e prática não se aplica quando você entra no campo do pensamento da fronteira e nos campos descoloniais. Ao entrar no campo do "quíchua e quechua, aymara e tojolabal, árabe e bengali etc., categorias de pensamento confrontadas, claro, com a expansão implacável dos fundamentos do conhecimento do Ocidente" (MIGNOLO, 2008, p. 290-291).

Alertados por essas palavras do autor, nos damos conta que, de maneira quase inconsciente, fazemos essa reprodução de uma epistemologia imperial e colonial, seja em casa, na igreja e na escola. Parece que o conteúdo dos currículos, inclusive os de nível superior, supervaloriza o que é europeu e inferioriza aquele que não se aloca no seu universo. Onde está então o espaço do questionamento para o novo? Por que há, ainda, o silenciamento dessas vozes?

Mignolo critica, especialmente, algumas terminologias adotadas após a Segunda Guerra Mundial, que são oriundas da lógica da colonialidade, como por exemplo

"desenvolvimento". Para o autor, esse foi um outro termo na retórica da modernidade, para ocultar as novas formas de controle e exploração do setor do mundo rotulado como Terceiro Mundo, composto de países subdesenvolvidos. Ao ligar a descolonialidade com a identidade em política, Mignolo afirma que a opção descolonial tem por objetivo construir identidades racializadas, que foram erigidas pela hegemonia das categorias de pensamento do ocidente, no contexto de seus fundamentos gregos e latinos de razão moderna / imperial (MIGNOLO, 2008, p. 296-297).

Assim, retoma um conceito de Gunther Rodolfo Kusch (1922-1979), chamado de "consciência mestiça", o qual não era concebido sob questões biológicas, mas como conceito filosófico que está aberto ao *pluri-versal,* como ao sentimento entre ser e estar fragmentado:

> uma sensação de estar fora do lugar, de sentir quando irá teorizar durante os anos cinquenta como a força natural da América e, nos anos sessenta e setenta, se mover para um entendimento da filosofia aymara ou do pensamento aymara (MIGNOLO, 2008, p. 303).

Tendo em vista essas reflexões, é importante do uso da teoria decolonial para voltar às figuras no processo do passado, que tem uma narrativa estabelecida e muitas vezes heroica. Nesse caso, quem vai passar por esta revisão é a figura histórica do Abílio César Borges, o Barão de Macahubas. Retomando, portanto, o artigo que Dermeval Saviani escreveu, em 2000, selecionamos criteriosamente alguns dos seus parágrafos que se mostram especialmente suscetíveis de serem decolonizados, isto é, sofrerem a crítica do pensamento decolonial.

2 AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE ABÍLIO CÉSAR BORGES, BARÃO DE MACAHUBAS

De acordo com os relatos de Dermeval Saviani (2011), Abílio César Borges, nasceu no dia 9 de setembro de 1824 na vila de Minas do Rio de Contas, e faleceu no Rio de Janeiro em 17 de janeiro de 1891. O futuro Barão de Macaúbas, ao longo de sua trajetória, deixou grandes contributos à Educação do Brasil, isto é, no contexto de entendimento do

referido autor. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, no ano de 1841, tendo-se transferido para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1846. Tendo exercido a profissão de Medicina por pouco tempo de sua vida, logo Abílio Borges ingressou na área de Educação, sendo em 28 de março de 1856 nomeado diretor-geral dos estudos da então província da Bahia, permanecendo então por mais de um ano, demitindo-se em 1857 por questões pessoais de resistência que encontrou no exercício de suas funções, e por parte também da mudança do quadro político nacional (SAVIANI,2011).

Nessa linha, menciona um Relatório datado de 1856, no qual, Borges já demonstrava suas preocupações em relação à situação do professorado, e trouxe propostas, mesmo que em um período curto de tempo, significativas para o sistema educacional do país, que foram: a defesa de um sistema geral de Instrução Pública contra o sistema provincial então vigente, a instituição de Escolas Normais para a formação dos mestres primários, a distribuição gratuita de periódicos aos professores, a construção de prédios escolares separados das residências dos professores, a autorização para que cada freguesia que necessitasse erigir uma escola pudesse fazer uma pequena loteria, a criação do Ministério Nacional de Instrução, a liberdade e fiscalização das escolas particulares (ALVES, 1942, p. 22-41 apud SAVIANI, 2011, p. 142).

Outro ponto que Saviani destaca é que, ao sair da Instrução Pública, o Barão tentou pôr em prática suas ideias pedagógicas na rede privada, fundando em 1858, o Ginásio Baiano em Salvador. Marcado por uma "disciplina branda, novos processos para a aprendizagem da leitura, métodos renovados para o estudo das línguas vivas, grande preocupação com o vernáculo" (HAIDAR, 1972, p. 176 apud SAVIANI, 2011, p. 142), o Ginásio Baiano transcendeu os limites da província e notabilizou-se pelas personalidades que estudaram nele, como Castro Alves e Rui Barbosa.

No período que se dedicou ao Ginásio Baiano, o Barão fez duas viagens à Europa que foram decisivas para sua composição pedagógica; trouxe além de professores estrangeiros, material pedagógico, além de compor de seu próprio punho, alguns compêndios. Relatou: "Estou aproveitando minha demorada forçada, na composição segundo me tem ensinado a prática, e o que por cá tenho visto, de algumas obrinhas

elementares para as escolas brasileiras" (ALVES, 1942, p. 104 apud SAVIANI, 2011, p. 143).

Ao seu retorno da Europa em 1871, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde inaugurou o Colégio Abílio, em sociedade com Epiphanio Reis. Tal parceria funcionou até 1880, quando foi anulada a sociedade, e o estabelecimento de ensino, com outro nome, ficou com Reis.

O Plano de Ensino, feito por Abílio Borges, para ser utilizado em suas escolas estavam divididos em duas seções: uma de *instrução primária* e outra de *instrução secundária*. A seção de instrução primária tinha a duração prevista para três anos, e ao final do Plano de Ensino havia a seguinte ressalva:

> Por este método saem da escola primária os meninos com noções gerais de quase tudo que terão de aprender nos estudos secundários, escrevendo o português com boa ortografia, e já com um tal ou qual estilo; e por sobre isto, sem haverem tido uma só lição de francês de véspera, e sem mesmo lhe terem visto a gramática, somente por breves mas constantes exercícios absolutamente práticos e amenos, podendo ler com perfeição esta língua, e falando-a regularmente no que é propriamente conversação familiar, entendendo e respondendo a todas as questões que na mesma lhes são dirigidas; de modo que, ao começarem o estudo teórico dela, encontrarão a maior facilidade ("Plano de Estudos do Colégio Abílio", in HAIDAR, 1972, p. 225 apud SAVIANI, 2011, p. 143-144).

Já o Plano da Seção de Instrução Secundária, que durava regularmente sete anos, podendo, entretanto, ser reduzida a 4 ou 5, ou estendida a mais, conforme a inteligência e a aplicação dos alunos, abrangia estudos "preparatórios exigidos para a matrícula nas diversas faculdades do Império, assim como a prática de falar as línguas francesa e inglesa, e o ensino teórico e prático da língua alemã, para aqueles que quiserem aprender esta língua" (SAVIANI, 2011, p. 144).

No contexto de quebra da sociedade com Epiphanio Reis e ponderando a gravidade da febre amarela no Rio de Janeiro, Borges muda-se para Barbacena, em Minas Gerais, onde no dia 3 de fevereiro de 1881 inaugurou um novo Colégio Abílio. No Rio de Janeiro, em 15 de março de 1883, o seu filho Joaquim Abílio Borges, juntamente com o seu irmão

Abílio César Borges Filho, reabriu o Colégio Abílio, o qual teve suas atividades encerradas em 1911. O Colégio de Barbacena, por sua vez funcionou até 1888, quando o Barão decidiu voltar ao Rio de Janeiro, onde faleceu no dia 17 de janeiro de 1891.

Em sua carreira pública Abílio Borges assumiu o Conselho de Instrução Pública da Corte, sendo indicado pelo imperador Dom Pedro II, cargo que exerceu de 1872 a 1877. No dia 30 de julho de 1881 recebeu por decreto imperial, o título de Barão de Macahubas. No ano seguinte foi enviado, como delegado do Brasil, ao Congresso Pedagógico Internacional de Buenos Aires; essa amizade com o Imperador levou José Gonçalves Gondra a considerar as ideias pedagógicas do Barão de Macahubas como representando uma "posição *extra-oficial* do Império brasileiro" (GONDRA, 1998, p. 1, apud SAVIANI, 2011, p. 146-147).

Neste Congresso, o Barão proferiu um longo discurso abordando dois temas, sendo o primeiro relativo à formação dos mestres das escolas primárias, no qual defendia a criação de Internatos Normais pelos Estados nacionais; e o segundo referiu-se aos melhores meios de nas escolas sustentar a disciplina e de fomentar nos meninos o gosto pela instrução, em função do qual ele veio propor a erradicação, nas escolas, de qualquer tipo de premiação ou castigo. Para Borges, este tipo de atitude, nas escolas, só trazia problemas para a formação intelectual e moral da criança, os premiados tornavam-se mais orgulhosos e vaidosos, e os outros que não alcançavam tais premiações, tornavam-se cada vez piores, movidos pela humilhação sofrida antes seus colegas e familiares (MACAHUBAS, 1882, p. 184 apud SAVIANI, 2011, p. 145-146).

Em relação às suas composições, o Barão deixou para a Educação nacional compêndios para uso nas escolas que são:

- Epítome da Gramática Portuguesa,1860
- Epítome da Gramática Francesa, 1860
- Epítome da Geografia Física, 1863
- Primeiro Livro de Leitura,1886
- Segundo Livro de Leitura, 1886
- Terceiro Livro de Leitura, Bruxelas, 1871
- Os Luzíadas [grafia da época] (texto com a supressão das estâncias que não devem ser lidas por meninos), 1879

- Pequeno Tratado de Leitura em voz alta (tradução do texto de Ernesto Legouvé), 1879
- Desenho linear ou Geometria Prática Popular, 1876
- Novo Primeiro Livro de Leitura – Leitura Universal, 1888
- Cantos – Ensino da Música nas Escolas, Colégios e Famílias, 1888
- Quarto Livro de Leitura (com a colaboração de Joaquim Abílio Borges), 1890
- Quinto Livro de Leitura (com Joaquim Abílio Borges), 1890(?) (ALVES, 1942, p. 146-161 apud SAVIANI, 2011 p. 147-148).

Ademais de seus compêndios, é importante destacar, também, os aparelhos escolares inventados ou adaptados, introduzidos nas escolas pelo Barão, como o "Aparelho escolar múltiplo" (KULESZA, 2019; PAIS, 2019). Das obras escritas pelo Barão, a que mais merece atenção do ponto de vista de ideias pedagógicas, A *lei nova do ensino infantil*, editada em Bruxelas em 1884. Sendo um autodidata em matéria de educação, o Barão de Macahubas construiu sua concepção educativa e a difundiu em estreita relação que permeava: uma escola mais humanizada, voltada para o desenvolvimento intelectual e moral da criança; valorização da criança quanto a posição de aprendiz e do mestre; defendia a coeducação dos sexos; bem como o regime de internato.

3 DECOLONIALIZANDO A EDUCAÇÃO

Percebeu-se durante a leitura do já aludido texto, vários exemplos de colonialidade em que Saviani privilegiou as *grandes* narrativas educacionais, dos renomados centros de ensino privado no fim do Brasil Império, que evidentemente não incluíam a maioria da população, enquanto isso, a educação do povo caminhava a pequenos passos, e isto sem se levar em conta se de fato ela ocorreu. Sob o prisma decolonial, algumas questões foram suscitadas, diante do personagem histórico Barão de Macahubas e às narrativas que o descrevem. Em outro momento, o autor escreve sobre o discurso de Abílio, onde se lê:

> Distribuída com muita profusão e pouco discernimento a educação secundária inspira aos mancebos das *classes inferiores [grifo nosso]* o desprezo de seus iguais e o desgosto de seu estado, granjeando-lhes uma espécie de enganadora superioridade que mais não lhes permite contentarem-se com uma existência obscura, *e que entretanto não lhes*

> *dá essa superioridade real que poucos homens têm recebido da natureza [grifo nosso]*, e que nenhuma educação poderia adquirir: e dest'arte ela povoa a sociedade de membros sem préstimos, que lhe levam o espírito de insubordinação, o desejo de mudanças e uma ambição inquieta e vaga a que não pode satisfazer uma situação sempre incerta e que se move em todos os sentidos para adquirir abastança ou autoridade (SAVIANI, 2000, p. 52).

Nota-se que nas entrelinhas da concepção de educação e aprendizagem de Abílio Borges, nem todos devem ser educados, ou seja, é privilégio de alguns e não é direito de todos. O modelo inato de educação é saliente, pois há a preponderância de uma visão naturalista da educação. Logo de início, afirma que a educação é distribuída não criteriosamente, pois usa o termo *classes inferiores, enganadora superioridade,* como quem interpreta que essas classes de pessoas não poderiam estudar, visto que não alcançariam ao que ele chama de *superioridade real,* sendo esta educação adquirida pela natureza e que não escolheu a *todos*, mas há uns *poucos homens,* o que fica lúcido no discurso do educador é uma discriminação escancarada, entre quem pode estar apto ou não para ser educado. Ora, ele bebeu do sistema de ensino europeu, no qual buscou meios, formas, conteúdos, didáticas e professores para utilizar no seu projeto privado de colégio brasileiro. Pensa-se que naquela época não se poderia abrir-se novos horizontes de educação.

Outro ponto que merece atenção, é a tentativa pelo Barão de engessamento religioso de seus orientados. De acordo com Saviani, a visão de homem e de mundo do Abílio Borges inseria-se no âmbito da concepção católica. Contudo não quer dizer que o gestor não tenha transitado na onda do Liberalismo que já incorporava, com seus ideais, na segunda metade do século XIX.

Observa-se no currículo e quadro de mestres das instituições do Barão a presença de padres como capelães e professores, e a importância da religião, ativos na rotina dos alunos; quando inaugurado o Ginásio Baiano, na Bahia em 1858, o Barão teve o total apoio do arcebispo da Bahia na época. O Barão acreditava que era: "de suma importância obrigar os professores, quer públicos, quer particulares, a conduzirem seus alunos à missa

uma vez por semana, estabelecendo-se uma pena para os que não cumprirem esta obrigação" (ALVES, 1942, p. 38 apud SAVIANI, 2013, p. 151).

Com a incorporação de elementos do Liberalismo na segunda metade do século XIX, a visão foi assumindo um caráter mais brando e pedagógico

> o mestre não foi encarregado pela natureza de guiar um escravo, de formar um soldado, de preparar um ministro de altares etc., mas de educar um homem; isto é, um ente razoável e livre, tornando-o apto para as diversas carreiras sociais (MACAHUBAS, 1882, p. 152 apud SAVIANI, 2011, p. 151).

Outro assunto que se pode ressaltar é: "grande alívio é para o espírito a variedade bem calculada das tarefas" (MACAHUBAS, 1884, p. 21 apud SAVIANI, 2011, p. 152). O Barão, a partir destas falas, assume uma natureza pedagógica levando em pauta, antes de tudo, o desenvolvimento emocional e espontâneo de seus discípulos. Pode-se perceber que, no início de sua vida pública como educador, o Barão tinha uma visão colonial, aristocrata e catequizadora em relação ao sistema educacional, onde os mestres assumiam um papel religioso contundente na vida de seus orientandos. Destarte, seu campo de visão foi aprimorado e redesenhado a partir das ideias do Liberalismo.

4 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Tendo retornado ao texto "Um barão brasileiro no congresso internacional de Buenos Aires: as ideias pedagógicas de Abílio César Borges, Barão de Macahubas", sua leitura a partir de outro quadro conceitual, o da decolonialidade, nos permitiu compreender que a proposta de instrução de Abílio César Borges, embora sinalize uma ruptura com a escola tradicional, à qual esboçou críticas quanto ao programa de ensino baseado no método da memorização, todavia não rompe com uma epistemologia de educação colonial.

Além disso, é possível considerar que seu investimento no setor privado de ensino fomentou um novo estilo de educação no Brasil, mas propiciando a formação apenas para uma elite destinada ao assentamento de possíveis sociais privilegiadas e não para o povo.

Depreendeu-se que a prática pedagógica de Abílio Borges, apesar de se evidenciar moderna para aquela época no Brasil, aplicando os princípios da pedagogia dita moderna, continuava com o mesmo pensamento aristocrático e elitista de seus antecessores, portanto, no âmbito da colonialidade e não sendo socialmente inclusiva.

A contribuição dada pelo Barão no campo da educação, contudo, não pode ser vista como um todo não-produtivo, pois mesmo com a práxis de suas instituições destoando de seus compêndios, a partir de suas propostas pedagógicas, a Educação adquiriu novas propostas e comportamentos, que ainda hoje merecem ser analisadas e incorporadas em suas atas.

Esse movimento nos convoca a não simplesmente desacreditar a tradição ocidental, mas a desenvolver capacidade de reflexão crítica sobre os pressupostos estabelecidos como verdades inabaláveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KULESZA, Wojciech Andrzej. UM ÁBACO PARA ENSINAR FRAÇÕES. **RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 5, p. 1-14, e019034, 2019. DOI: 10.20888/ridphe_r.v5i0.9920. Acesso em: 5 dez. 2021.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica:** a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008;

PAIS, Luiz C. Materiais didáticos para o ensino da matemática no final do século XIX: um retorno à obra de Abílio César Borges. **RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas (SP), v. 05, p. 1-18, e019019, 2019. DOI: 10.20888/ridphe_r.v5i0.9851. Acesso em: 5 dez. 2021.

SAVIANI, Dermeval**. "Um barão brasileiro no congresso internacional de Buenos Aires:** as ideias pedagógicas de Abílio César Borges, barão de Macahubas". REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2000.

SAVIANI, Dermeval**. História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed., Campinas/SP: Autores Associados, 2011.